



O Trio Elétrico – A História Que Muitos Vivos Ainda Não Contaram - Da frustração do inquieto e jovem Dodô até a apoteose com o parceiro Osmar. A saga do Preto Inventor da Bahia que disparou o processo de amplificação sonora do Carnaval e da cultura baiana.

Por Carlinhos de Dodô e Marcus Devolder

Antônio Adolpho do Nascimento, o Dodô, como era conhecido, nasceu e foi criado no bairro de Santo Antônio, em Salvador. Dentre tantos talentos (inventor, técnico em eletrônica, luthier; artesão e metalúrgico), não podendo esquecer, entre eles a música, Dodô tinha entre seus vizinhos um outro jovem talentoso cantor, chamado Dorival Caymmi. Juntos, fazem parte de um grupo chamado “Os três e meio”, que entre outras apresentações, tinham no carnaval, uma forma de se apresentar. Vale lembrar que na década de 1930, a base do carnaval eram os bailes dos clubes e os desfiles de carros enfeitados e agremiações que, em fila, desfilavam nas imediações da Avenida Castro Alves, o chamado Corso.

O relato de Dorival Caymmi nos trás a frustração do jovem Dodô que não conseguia ser ouvido. Achava incoerente ele tocar num carro aberto para a rua e ninguém os ouvir. Dorival dizia que o propósito principal era “parar para comer e se confraternizar nas casas dos participantes do circuito”. Caymmi em depoimento afirma que Dodô “... tinha uma ideia avançada... fixa: Levantar o som dos instrumentos de corda...” e tentou furar o violão de Caymmi para tentar instalar algo que pudesse amplificar o seu som. Caymmi não deixou, com medo.

Dodô segue seus estudos na eletrônica, e em 1938 conhece num programa de rádio, outro jovem talentoso, Osmar Macedo. Nesta mesma época o grupo Três e Meio sofre duas baixas, uma delas de Dorival, que parte para o Rio de Janeiro para seguir carreira, que explode com a parceria com Carmen Miranda, assim o grupo deixa de ter um cantor e passa a ser somente instrumental, o novo amigo Osmar, é convidado a participar do grupo.

Damos um salto agora, para janeiro de 1942, quando a dupla de amigos vai assistir ao violonista carioca Benedicto Chaves, que se apresentara com um “Violão Elétrico” que possuía um “microfone e alto falante”, chamado a época de “Aldeon”. Após a apresentação, Dodô vai ao encontro de Benedicto e aprende como o violão era eletrificado. De volta a sua oficina, Dodô fabrica uma réplica do captador e o instala nos instrumentos acústicos que tocava junto de seu parceiro Osmar, o violão e o bandolim, respectivamente. Já na apresentação de Benedicto e em seus testes locais, Dodô teve que lidar com o problema da Microfonia, que é quando o som do instrumento sai do autofalante e se retroalimenta pelas caixas acústicas dos instrumentos, gerando um apito, geralmente, agudo. Dodô percebe que com o captador, o corpo acústico não se faz necessário para gerar o som e em sua bancada, amarra uma corda de instrumento e coloca o Captador embaixo, conseguindo gerar um som alto e limpo, sem a incidência da microfonia.

O próximo passo seria aplicar esse experimento aos instrumentos. Os parceiros foram à Loja Primavera e compraram um violão e um cavaquinho, retirando seus corpos acústicos e levando



apenas os braços dos instrumentos. Em seu ateliê, Dodô complementa o braço dos instrumentos com madeira maciça e o captador construído, criando assim um instrumento elétrico de corpo sólido que não sofria mais do problema da microfonia, podendo ampliar o som dos instrumentos com qualidade. Esse instrumento foi inicialmente apelidado, de forma jocosa, como “Pau Elétrico” (*) justamente pelo formato que parecia um pedaço contínuo de madeira.

Nos anos que se seguiram, Dodô e Osmar formaram a “Dupla Elétrica” que tocava seus instrumentos amplificados em festas da cidade. Em 1949 e em 1950, Dodô adapta autofalantes, amplificadores, e baterias de caminhão a carros, para permitir que o som dos instrumentos elétricos pudesse ser ouvido em um palco móvel.

No ano de 1951, em 29 de janeiro, a orquestra pernambucana Vassourinhas faz uma apresentação na cidade de Salvador, arrastando uma multidão atrás deles. Tal evento inspira Dodô e Osmar a utilizar o palco ambulante já experimentado no final do Corso no domingo de carnaval, que seria 6 dias após a apresentação de Vassourinhas. A saída da Dupla Elétrica foi um sucesso com o público.

Entre o ano de 1951 a 1952, um amigo da época de escola de Osmar, chamado Themístocles Aragão para a compor a banda. Para ele, Dodô inova mais uma vez e constrói mais um novo instrumento, que foi chamado de Triolim, que é uma versão sólida e eletrificada do Violão Tenor. Themí, como era chamado, era responsável pelas harmonias, uma vez que Dodô fazia linhas de baixo e Osmar as linhas de solo. Agora com três componentes na banda, não cabe mais o nome “Dupla Elétrica”, então está formado “O Trio Elétrico”, que vai para o Carnaval de 1952, já com o apoio da empresa Fratelli Vita que cedeu uma camionete para servir de palco. E assim o nome da banda passa a caracterizar o modal que foi criado por Dodô e Osmar no ano anterior. Um palco ambulante, com instrumentos de corda eletrificados em um som que chegava a todos.

O Sucesso da empreitada passa a inspirar outros grupos que, nos anos seguintes, passam a adotar o modelo. Auxiliados por Dodô na construção dos instrumentos e amplificadores e com a ajuda também de Osmar na parte da construção das carrocerias adaptadas, passa a existir uma “franquia rudimentar” da banda. O nome “Trio Elétrico” que era o nome do Conjunto, ficou associado ao modal, ao caminhão com som e luz que leva alegria a todos, de maneira democrática e ampla. Os novos grupos que surgiam tinham o seu nome, mas depois do “Trio elétrico”. Themístocles, acaba não permanecendo no grupo, porém o nome “Trio Elétrico” permaneceu e sua importância nesse processo jamais será esquecida. Assim como a genialidade de Dodô, que de um músico incomodado por não ser ouvido num carnaval excludente, em que ele, como negro, só era visto como parte do entretenimento, transforma seu incomodo numa inquietação que muda todo o corso e o curso da história do carnaval, através da amplificação do sonora da festa. Osmar e seus múltiplos talentos, como instrumentista, como metalúrgico entre outras, também deixa sua marca criativa em ser motor dessa forma de tocar, que adaptou vários gêneros musicais numa forma dançante e “Trieletrizada”, como ele costumava denominar isso. (*) “Pau Elétrico” que, até o ano de 1977, foi chamado de “Cavaquinho” nas fichas técnicas dos discos e, informalmente, de “Cavaquinho Elétrico” ou “Cavado de Trio”. Neste ano (1977), o filho de Osmar, Armando Macedo, o Armandinho, inspirado pela canção do músico e compositor Moraes Moreira chamada Guitarra Baiana de 1975, passa a utilizar este nome nas fichas técnicas dos discos gravados por ele. Esse nome foi seguido e adotado com o passar dos anos como nome do instrumento criado por Dodô.



Minibio dos pesquisadores do Projeto DNA Dodô:

Carlinhos de Dodô é estudante de direito da faculdade Visconde de Cairu, gestor e produtor cultural, músico, compositor, pesquisador e mestre de cerimônias. Idealizador do projeto e banda DNA Dodô e coordenador de mobilização do SindMusica-Ba.

Marcus Devolder é músico, curador há mais de dez anos do Grupo Guitarra Baiana, coletivo de músicos, construtores e entusiastas da Guitarra Baiana e pesquisador no projeto DNA Dodô. Também é analista de BI e administrador.

Apresentação:

Ao longo do tempo, pesquisamos, compartilhamos sobre a vida de **Adolpho Antônio Nascimento**, mais conhecido como **Dodô (dupla Dodô & Osmar)**. Pesquisar, compartilhar sobre a vida do preto inventor da Bahia, traz o sentimento de satisfação. É sempre gratificante poder falar sobre pessoas especiais. Mas é justamente quando essa pessoa é seu ente querido, um gênio inventor, um visionário!

Daí que vem a preocupação, porque é delicada a tarefa de selecionar e condensar os aspectos de maior relevo da vida e da obra do nosso querido Gênio da Folia. Quando se tem a noção muito clara de que todos os seus feitos foram igualmente significativos para consolidar tão singular trajetória no cenário cultural da Bahia.

Lacunas na linha do tempo da história do Dodô precisam ser preenchidas, ninguém melhor que seus descendentes diretos e os membros do projeto DNA Dodô para preenchê-las, através de pesquisas, fatos, recortes de jornais, documentários, livros históricos, relatos de amigos contemporâneos da seu brilhante, inventiva trajetória e do seu legado artístico-cultural.

Carlinhos de Dodô e Marcus Devolder